

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 11 2003



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
2003

**ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS**  
Volume 11 • 2003      ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E  
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso  
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos  
devidamente assinalados  
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO  
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras  
Fábrica da Pólvora de Barcarena  
Estrada das Fontainhas  
2745-615 BARCARENA

Aceita-se permuta  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E  
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso  
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Palma, Artes Gráficas, Lda. - Tel. 244 447 120 - Mira de Aire  
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

## **OS MONUMENTOS E O FUTURO DA MEMÓRIA DO PASSADO**

Luís Aires-Barros<sup>1</sup>

Os monumentos são entidades com características próprias. Modificam-se com a idade, mostram as marcas do tempo e podem mesmo morrer, ou seja, deixar de ter valor dada a sua degradação avançada. É esta degradação que temos de evitar a todo o transe. Ganha enorme acuidade a taxa de decaimento dos monumentos, desde as pedras lavradas, aos vitrais, couros e papéis, que vem aumentando assustadoramente nos últimos decénios.

Urge, pois, preservar e conservar as mensagens e os valores intrínsecos dos monumentos. E são vários os valores que eles nos transmitem. Há valores emocionais, ligados a factos simbólicos e a outros de feição espiritual, valores culturais, documentais, históricos, estéticos, arquitectónicos, científicos e mesmo valores sócio-económicos, englobando aspectos funcionais, económicos, sociais e políticos.

Com efeito, qualquer peça do património cultural é um documento polifacetado que possibilita uma leitura polivalente que, inclusivamente, permite averiguar da idiosincrasia dos povos que a fabricaram, a usaram, a veneraram ou a amaldiçoaram.

A consciência acrescida destes factos tem levado os governos e organismos internacionais a lançar acções de estudo concertadas. Assim, verifica-se que os países da União Europeia gastam anualmente, nas tarefas de conservação e restauro do seu património cultural cerca de 1 300 milhões de euros por ano!

Mas para além da necessidade de possuir fundos materiais para as operações de conservação e restauro, para além de todos os conhecimentos, por um lado técnico-científicos ligados aos materiais envolvidos e à evolução da sua manufactura e uso ao longo da História, por outro, estéticos relacionados com a concepção desse mesmo objecto, há que considerar a ética da conservação e restauro.

Com efeito é totalmente diferente tratar de evitar o decaimento da pedra num pilar de uma ponte ou da fachada de um prédio comum ou tratar o mesmo tipo de pedra de um pórtico romano ou de um palácio renascentista. O mesmo material – a pedra, inclusivamente do mesmo tipo e proveniência – carrega

---

<sup>1</sup> Professor catedrático jubilado do I.S.T.; Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa; Sócio de Mérito da Academia Portuguesa da História; Sócio Honorário da Academia Nacional das Belas Artes.

no segundo caso valores artísticos, históricos, técnicos e emocionais que lhe conferem lugar especial na memória dos povos. Eis porque o técnico de conservação e restauro, nas suas tarefas de limpeza, consolidação e protecção tem obrigatoriamente de pensar e levar em consideração a preservação da mensagem que o autor do monumento quis transmitir.

Talvez se possa sintetizar a ética da conservação e restauração, afirmando que não se deve:

- i) usar materiais que não mereçam confiança ou se degradem rapidamente;
- ii) usar materiais e métodos directamente sobre as obras de arte sem ensaios prévios, se possível em porções destacáveis do monumento;
- iii) evitar revelar os métodos e materiais usados à comunidade técnico-científica interessada;
- iv) tomar decisões inadequadas, desrespeitando o original;
- v) usar um método universal para todos os casos, não cuidando das especificidades de cada situação.

Ao longo da História, a nossa herança cultural tem sido vítima de dois tipos principais de acções exógenas. A primeira, ligada à intempérie, condicionada pelos agentes atmosféricos actuantes no local de existência da obra de arte.

É bem conhecido que a resposta que determinado monumento dá ao intemperismo actuante no seu lugar de residência depende, antes de tudo, do que definimos como factores intrínsecos que se reportam, fundamentalmente ao tipo de material e à estrutura de que é feito o objecto em questão. Designamos por factores extrínsecos os que caracterizam o ambiente em que vive a obra de arte. Será o microclima da área de uma igreja ou será o nanoclima do local onde está exposta uma pintura, etc.

Os agentes do meteorismo têm mantido relativa constância nos poucos milénios que nos interessam considerar como os representativos da história do património cultural.

Todavia, na definição da ambiência envolvente dos monumentos, nas últimas décadas, mais concretamente após o desenvolvimento do industrialismo, nova e importante componente se veio adicionar.

Trata-se da poluição induzida pela avassaladora actividade industrial e civilizacional dos nossos dias. E a Natureza-mãe que até então tinha capacidade homeostática, regenerando-se em tempo curto em relação às actividades humanas, deixou de o poder fazer tal é o ritmo alucinante a que se têm vindo a realizar as agressões ao equilíbrio biofísico da Terra. Pela primeira vez, na História da Humanidade, o Homem ser temente da Natureza cujos mistérios mal conhecia e foi desvendado ao longo de séculos, passou a não temer a Natureza, mas a temer deteriorá-la irreversivelmente.

O Homem, de ser dominado pelas forças da Natureza e temendo as suas leis, passou a ser dominador da Natureza e não cumpridor das suas leis. Os resultados estão à vista de todos nós.

Como muito bem caracterizou Konrad Lorentz, prémio Nobel com os seus estudos de etiologia, parece que o gigantismo da nossa civilização tecnocrónica nos conduz ao suicídio colectivo seguindo o instinto obscuro que tem levado ao suicídio colectivo dos grandes mamíferos, como é o caso actual das baleias!

A análise da introdução dos poluentes, nos solos, nas águas e na atmosfera é de enorme interesse e

justifica as nossas preocupações.

Com efeito, está-se tornando assustador o aumento dos poluentes atmosféricos, consequência do desenvolvimento tecnológico da nossa civilização. Em linhas muito gerais, cerca de 80% do monóxido de carbono emitido para a atmosfera provém dos transportes rodoviários que são, ainda, responsáveis por cerca de 40% dos óxidos de azoto. Igualam este teor os óxidos de azoto lançados na atmosfera pelas centrais termoeléctricas responsáveis, ainda, por cerca de 70% das emissões de dióxido de enxofre nos ares.

A presença do cloro está relacionada com a proximidade do mar, pelo que a sua acção pode ser relevante nas zonas ribeirinhas.

Devem ainda mencionar-se os compostos orgânicos voláteis (os VOC's) principalmente emitidos pela indústria e pelos veículos (hidrocarbonetos). Está na ordem do dia a análise das consequências dos CFC's, os hidrocarbonetos clorofluorados que tão ligeiramente lançamos na atmosfera ao usar os nossos nebulizadores. As consequências na concentração de ozono da atmosfera são de temer. Por fim não se pode esquecer o dióxido de carbono que, embora sendo um constituinte comum na atmosfera e necessário à vida no nosso planeta, tem visto o seu teor a aumentar de modo a tornar-se um gás indesejável e um poluente perigoso.

Toda esta carga gasosa poluente tem ainda acção nefasta relevante quando, reagindo em meio húmido, acidifica as águas das chuvas que lixiviam os monumentos expostos à intempérie.

Referiu-se que os principais agressores da nossa herança cultural se repartem por dois tipos. Discorreu-se um pouco sobre o intemperismo coadjuvado pelos agentes agressores da poluição.

O outro grande agressor é o Homem e é comum designar a sua acção nefasta em relação às obras de arte por *vandalismo*.

É extraordinário que, no rolar das invasões bárbaras do quinto e sexto séculos da nossa era, um povo com cerca de 100 000 habitantes não nos legou outra herança cultural senão a palavra *vandalismo*, tal a fúria e acção demolidora com que os Vândalos saquearam, mais uma vez, Roma, que continuou ainda a ser saqueada ao longo da História.

Parece que a palavra *vandalismo* foi usada pela primeira vez em 1663 para designar a *destruição ignorante de toda a beleza*. Esta definição, velha de três séculos, guarda a profundidade do seu significado. Na realidade só uma enorme ignorância pode explicar o vandalismo.

Procurando compreender um pouco as motivações e as causas do vandalismo, encontram-se quatro raízes para estas acções nefastas: a guerra, o fanatismo, o desenvolvimentismo económico-modernista e a falta de senso individual.

O primeiro e mais espectacular tipo de vandalismo é o que resulta das actividades guerreiras. O que os vândalos fizeram de aterrador na sua tomada de Roma foi uma destruição selvática cujos ecos ressoam ao longo da História chegando a nós com os casos lamentáveis das guerras do Afeganistão e do Iraque. Ligado ao vandalismo guerreiro está todo um conjunto de sequelas derivadas como incêndios, uso de objectos para fins guerreiros (v.g. fusão de sinos para construção de canhões) e sem dúvida o cego direito

ao saque.

O fanatismo, muitas vezes a causa das guerras, tem sido um voraz destruidor da herança cultural dos povos. A iconoclastia é um bom exemplo do furor fanático que chegou aos nossos dias e, infelizmente irá prosseguir, pois ainda está para vir a realização da revolução moral que instale a compreensão entre as gentes. Recorde-se as destruições decretadas pelos fanáticos talibans.

O desenvolvimento económico-modernista é muito perigoso. Tão destruidor como os dois tipos de vandalismo vistos anteriormente. Apareceu sob o manto diáfano da legalidade e da instalação do bem-estar e da modernidade. São inúmeros os exemplos, nacionais e internacionais. Quem não tem presente a demolição de relevantes partes de Bucareste, capital da Roménia? Destruíram-se igrejas e mosteiros únicos, dos séculos XVI e XVII para construir uma nova e geométrica Bucareste e ao gosto do *conductador* que mal a chegou a vêr de pé.

É conhecida a afirmação, bastante polémica, do actual príncipe de Gales que em 1987, falando perante uma reunião de arquitectos ingleses, considerou que, quanto à arquitectura de Londres, o Blitz alemão causou menos “destruições” do que os arquitectos modernos!

A quarta causa principal do vandalismo está ligada à falta de bom senso individual e colectivo.

Merece um pouco de atenção este tipo de vandalismo, já que ele é exercido por cada um de nós, subtilmente, por vezes em grupo, numa afirmação de egoísmo condenável.

Circulemos pela nossa bela Lisboa e reparemos na miríade de actos de vandalismo pintados e impressos nos nossos monumentos, muitas vezes sob a forma cândida e amorosa de um coração de Julieta trespassado por uma seta que Cúpido emprestou a Romeu.

Imagine-se a depredação a que se sujeita o Fórum romano onde Cícero perorou e Júlio César foi assassinado, quando milhares de turistas, furtivamente, ao longo dos anos vão retirando pequenas lascas das pedras históricas ainda existentes! E o disparate dos “graffiti” impressos na Piazza della Signoria de Florença, onde Savonarola foi queimado e o apoio, pouco clarividente, que boas senhoras, normalmente de idade avançada, dão aos pombos. Estas aves são terríveis depredadores dos nossos monumentos.

Hoje em dia apareceu um novo vândalo potencial – o turista. O essencial é não permitir que ele passe à prática, armado de vários utensílios de que sobressaem as mãos e as unhas cobertas de dura “cutina”, as máquinas fotográficas, etc.

Quantos gregos visitaram as pirâmides do Egipto em vários séculos de domínio do mundo de então? Algumas dúzias por ano, ou por década! Hoje em dia a Espanha recebe cerca de 50 milhões de turistas por ano, a Itália e a Grécia são autenticamente invadidas por vagas de turistas. Admite-se que a “vaga total” anual de turistas seja de 350 milhões de pessoas. Admitamos que apenas 1% desta gente são vândalos: isso significa que temos três milhões e meio de vândalos à solta? Como estamos longe dos 100 000 vândalos “verdadeiros” que conhecemos da história da invasão dos bárbaros. Que nova invasão está em curso?

Sabe-se que estes turistas, desde o fundo da História, foram deixando as suas marcas.

É curioso que no Egipto, no Vale dos Reis em uma parede do túmulo de Ramsés VI, um turista romano

gravou qualquer coisa em latim que se pode traduzir como “Kilroy esteve aqui”. Gravou ainda o mês da excursão como sendo “Ianvarivs”, mas infelizmente não gravou o ano! Esta inscrição data de antes de Cristo.

Heródoto, o pai da História, fez longo turismo pelos monumentos do Egipto no século V antes de Cristo. E um século antes da visita de Heródoto, um outro turista grego gravou um *graffiti* numa estátua de Ramsés II que se tornou um marco importante para a história do alfabeto.

Hoje em dia, dois mil anos depois dos turistas romanos deixarem as suas marcas nos monumentos egípcios, os actuais turistas aparecem em avalanches, quase em hordas, não só para ver e fotografar, como para “possuir” os monumentos.

Esta “posse” dos monumentos tem um preço alto. Alguns exemplos são ilustrativos. Nas salas com frescos, a presença de visitantes provoca altas concentrações de poeiras, de dióxido de carbono e vapor de água. Para garantir o bem-estar dos visitantes (e não das obras de arte), as salas são aquecidas e o aquecimento desligado de noite e nos feriados. Estas variações forçadas da temperatura e da humidade relativa do ar provocam fadiga mecânica, transporte de sais solúveis e formação de eflorescências. O aquecimento forçado induz um gradiente térmico que provoca no ar, próximo das paredes, um gradiente de densidade e o ar em contacto com as paredes mais frias desce. Esta corrente de ar descendente varre as paredes e provoca uma deposição termofóretica de pequenas partículas sobre as paredes. Acresce que os visitantes funcionam como fontes difusoras de humidade, havendo difusão mútua entre o vapor de água e o ar seco. Há um arrastamento nítido das partículas suspensas no sentido oposto ao da direcção da difusão do vapor de água, ou seja, para o centro da sala, devido à maior massa molecular do ar seco.

Quando o sistema de aquecimento é desligado ou se abrem as portas e janelas para limpeza, geram-se fluxos em sentido inverso. Daqui resulta que é recomendável que a temperatura do interior de uma sala com frescos seja mantida constante e se possível em equilíbrio com as paredes.

O problema da iluminação e dos golpes de luz por “flashes” dos fotógrafos é outra questão séria.

As lâmpadas fornecem calor à atmosfera gerando células convectivas favorecendo a deposição por inércia de partículas sobre os frescos, murais, etc. Quando as luzes se acendem, a energia emitida em largo espectro do UV ao IV, bate abruptamente nas superfícies pintadas que são, então, rapidamente aquecidas provocando um gradiente térmico no interior da parede. Este sobre-aquecimento à superfície é responsável pela fadiga mecânica e secagem forçada da camada mais exterior com fluxo para o interior da humidade. Ao se apagarem as luzes, passa-se a situação inversa: a camada mais externa em contacto com o ar mais frio arrefece e retrai-se sobre uma parede ainda quente, reabsorvendo humidade. Assim se geram fissuras e exfoliações.

É evidente o perigo da sobrelotação das salas dos museus e palácios, com miríades de emissores de vapor de água, CO<sub>2</sub> e difusores térmicos armados de máquinas fotográficas com “flashes” disparando ininterruptamente.

Após as considerações expendidas é evidente que a conservação e o restauro do património cultural exigem sábio manejo dos recursos técnico-científicos e um agudo bom senso.

Parafrazeando Bernard Feilden, director do Centro para a Conservação de Roma, há que ter, sempre, presente dois princípios fundamentais: “prevention is better than cure” e “stitch in time saves nine”, o que quer dizer que “a preservação é melhor do que a cura” e ainda que “um passo dado a tempo, evita muitos outros a dar mais tarde”.

A conservação é, acima de tudo, um processo que procura o prolongamento da vida do património cultural para que seja possível a sua fruição hoje e no futuro. Trata-se de uma actividade multidisciplinar envolvendo facetas e metodologias que recorrem à Estética, à História, à Ciência e à Tecnologia.

Acresce que o património cultural pertence e caracteriza o povo que o produziu no imediato do território que ocupa, no uso e aproveitamento dos materiais que aí se encontram e explora e no seu manuseamento para reverenciar os deuses que adora ou os poderosos que teme e os heróis que glorifica. O património cultural é, na sua contingência, memória do povo a que pertence. É, pois, fundamental o estudo e a preservação dos monumentos para que a memória do passado não se perca e tenha futuro.